

Novos campos de ação

Tradicionalmente voltada para a clínica individual, a Psicologia tem experimentado outros campos de atuação a partir da iniciativa de seus profissionais – entre eles o esporte, a terapia sexual, o estudo do consumo e as políticas públicas de assistência social. Conheça um pouco dessas áreas a seguir.

Na juventude, ele foi um esforçado jogador de tênis. Não mais que isso. Mas, como era apaixonado pela vida nas quadras, acabou cursando Educação Física, tornou-se técnico e desenvolveu uma carreira profissional nos bastidores do esporte. Foi ao cursar Psicologia, entretanto, que Márcio Geller Marques percebeu o vasto campo de possibilidades à sua frente. Um dos mais requisitados em sua área no Brasil, Geller moldou vencedores – entre eles o medalhista olímpico João Derly e os atletas da equipe de futsal do Internacional, bicampeões mundiais em 2002.





Novos campos de atuação da Psicologia



esporte



terapia
sexual



comportamento
dos consumidores



assistência
social

REDUZIR A PRESSÃO E ELEVAR A AUTOCONFIANÇA É O DILEMA MAIS COMUM PORQUE O ESFORÇO E A COMPETIÇÃO PODEM CAUSAR MUITO SOFRIMENTO, AINDA MAIS SE OS RESULTADOS NÃO APARECEREM.

“Com exceção de algumas experiências isoladas e bem-sucedidas nos anos de 1950 e 1960, entre elas com a seleção brasileira campeã mundial de 1958, a Psicologia nunca se envolveu muito com o esporte, que acabou sendo adotado pela Educação Física. É um campo muito promissor, desde que haja preparação e formação”, diz o psicólogo graduado pela PUCRS em 1999 e com doutorado em Salud y Deporte pela Universidade de Cádiz, na Espanha.

Seja como consultor de atletas ou treinadores em seu consultório, seja atuando como profissional junto a clubes ou a federações, Geller é um exemplo de como a Psicologia pode se envolver com áreas tão distantes quanto quadras de esporte e a vida sexual das pessoas – caso da psicóloga Lina Wainberg, terapeuta de casais e doutora em Psicologia pela UFRGS. Ambas as áreas, assim como outras que serão abordadas nesta reportagem, despontam como boas alternativas de atuação para psicólogas e psicólogos que desejam trilhar novas possibilidades na profissão.

O caso de Geller é emblemático porque ele conseguiu reunir suas habilidades em um campo que se mostrou pouco explorado pela Psicologia. Hoje, ele atende mais de 20 atletas e treinadores, dá aulas em universidades, escreve livros e atua como consultor em clubes país afora. Mas ele adverte que são necessárias determinadas características para enfrentar o mundo do esporte, além de uma formação acadêmica adequada.

“É preciso entender o contexto do esporte, das competições, para aplicar as técnicas adequadamente. Nesse sentido, é bom que os profissionais que quiserem atuar nessa área tenham alguma afinidade, gostem de assistir ou praticar esporte. Os atletas precisam muito de ajuda especializada, já que a cobrança por resultados é cada vez maior e a pressão sobre eles, que são seres humanos como qualquer outro, também”, destaca o psicólogo.

Geller destaca as principais categorias teóricas demandadas pelos atletas: diminuir a pressão e aumentar a autoconfiança. “É o dilema mais comum porque o esforço e a competição podem causar muito sofrimento, ainda mais se os resultados não aparecerem. E como em geral é uma carreira curta, o vazio existencial é um risco constante”, complementa. O psicólogo só lamenta a pequena oferta de formação para profissionais interessadas/os na área, especialmente nos cursos de Psicologia.



Também com deficiências na formação especializada, o campo da terapia sexual vem crescendo na medida em que as transformações culturais se acentuam – caso, por exemplo, do prazer feminino na vida conjugal clássica. “Apesar de ser uma conquista que remonta aos anos de 1960, os homens se adaptam lentamente a essa reivindicação pelo prazer feminino. Além disso, a ampliação de possibilidades a partir da liberdade de escolha de gênero também fez com que seja cada vez mais necessário falar sobre sexo”, diz a terapeuta Lina Wainberg.

DIÁLOGO ENTRE AS DISCIPLINAS É IMPORTANTE PARA O BOM ENCAMINHAMENTO DO TRATAMENTO.

Mestre em Sexologia pela Universidade Gama Filho (RJ) e especializada em terapia Familiar e de Casais pelo Instituto da Família de Porto Alegre, Lina atesta que falar sobre sua sexualidade com um/a especialista é a consequência direta das pessoas estarem se permitindo enfrentar as dificuldades com relação a

um tema difícil. E ensaia alguns conselhos. “É necessário um trabalho interno contra os preconceitos que podemos ter nessa área para compreender que é o sofrimento, e não as práticas ou as fantasias, o nosso objeto de tratamento”, recomenda a psicóloga.

Nesse sentido, para Lina, as práticas e as fantasias dos pacientes devem servir como recurso terapêutico – sejam elas quais forem, mas desde que não gerem danos. “Nesses casos, o terapeuta deve adotar uma postura que ajude o paciente a aceitar as suas próprias preferências sem o sentimento de ser doente ou anormal. Um cuidado: usar uma linguagem técnica e uma postura não erotizada são iniciativas importantes para manter o ambiente de exploração desse campo seguro, sem o risco de haver confusão”, adverte. A especialista também acredita que uma boa rede multidisciplinar, incluindo profissionais com outras especialidades, como ginecologia, urologia, psiquiatria, fisioterapia pélvica, entre outras, é fundamental. “O diálogo entre as disciplinas é importante para o bom encaminhamento do tratamento”, finaliza.



Outro campo que tem chamado a atenção é o dos estudos na área do consumo, envolvendo consultoria para empresas que desejam qualificar sua relação com os clientes. “Nossa vida é mediada por artefatos, que podem ser produtos, ambientes, bens culturais ou qualquer outro objeto. Tudo envolve consumo. Mas não esse consumo vazio, essa avalanche de ofertas. As pessoas não querem mais isso”, provoca o psicólogo Leandro Tonetto, doutor em Psicologia pela PUCRS e um dos maiores especialistas na análise do consumo no país.



Para Tonetto, as empresas estão buscando cada vez mais entender esse consumidor crítico – por isso a demanda por profissionais que consigam desvendar a intenção desses novos personagens, mediados por redes sociais com menos filtros e sujeitos a mudanças bruscas de comportamento. Isso, segundo ele, provocou uma “sensibilização” do mercado, devido ao crescente “poder ao desconhecido” proporcionado pelas redes. “Quem pode ajudar as empresas a conversar com esses públicos voláteis é o psicólogo. Mas é muito difícil encontrar profissionais bem preparados para isso”, avalia.

Nesse sentido, o maior desafio é a/o psicóloga/o conseguir dialogar com áreas marcadamente técnicas nas empresas – engenheiros, projetistas, vendedores. E compreender que o foco deve ser valorizar a experiência, menos que a relação comercial. “O psicólogo não deve atuar como um publicitário. Ao contrário: deve se deter mais na experiência de uso do consumidor do que na relação de compra e venda com as empresas”, define.

Leia mais

- Leia a íntegra da Nota Técnica do CFP em bit.ly/conpas2016
- Leia a íntegra da Nota Técnica do MDS em bit.ly/normativaSUAS
- Leia também a íntegra da Lei 12.435, de 2011, que regulamenta o SUAS em bit.ly/SUAS2011

NOSSA VIDA É MEDIADA POR ARTEFATOS, QUE PODEM SER PRODUTOS, AMBIENTES, BENS CULTURAIS OU QUALQUER OUTRO OBJETO. TUDO ENVOLVE CONSUMO. MAS NÃO ESSE CONSUMO VAZIO, ESSA AVALANCHE DE OFERTAS. AS PESSOAS NÃO QUEREM MAIS ISSO.

Tonetto também lamenta a pequena oferta de especializações na área. “Às vezes esse campo sequer é mencionado na graduação”, testemunha. E cita um exemplo clássico do papel que as/os psicólogas/os podem desempenhar no “design” (no sentido conceitual) do produto: um brinquedo direcionado para uma criança em desenvolvimento, ou mesmo um game voltado a um adulto, tem um peso muito grande na vida cotidiana desses personagens. “Grande demais para que um psicólogo não assuma participar de seu planejamento”, finaliza.

Caminho promissor com SUAS

A assistência social também tem se mostrado uma área promissora de atuação profissional para as/os profissionais da Psicologia, especialmente a partir da regulamentação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em 2011. Na Nota Técnica “Parâmetros para Atuação das e dos Profissionais de Psicologia no Âmbito do SUAS, de 2016, O CFP reconhece que a formação acadêmica dos cursos de graduação “muitas vezes não abrange o conjunto de conhecimentos e habilidades necessários ao trabalho no campo das políticas públicas”.

“É um campo novo, que não está totalmente consolidado, mas muito promissor devido à previsão legal. Então, é importante que seja construído por meio da prática dos profissionais”, avalia a psicóloga Letícia Giannechini, da Área Técnica do CRPRS. Nesse sentido, é importante que as/os profissionais tenham em mente que, na assistência social, deverão atuar junto a comunidades em situação de vulnerabilidade e, muitas vezes, com demandas judiciais. A Nota Técnica 02/2016, do Ministério do Desenvolvimento Social, estabelece normas para a relação entre o SUAS e os órgãos do Sistema de Justiça.

A gestão do SUAS é municipal, portanto as possibilidades de atuação estão vinculadas a concursos públicos. Segundo Letícia, é importante buscar uma especialização na área de saúde pública – há residências multiprofissionais nesse campo, não restritas a médicos, na UFSCPA, no Hospital de Clínicas, na Ulbra e no Grupo Hospitalar Conceição.

